

A POESIA DE FORMAÇÃO DE RONALDO GOMES

Ozéias Pereira da CONCEIÇÃO FILHO¹

Ronaldo Gomes é poeta e jornalista. Publicou três livros de poemas, a saber, *Pontes não ligam cidades* (2021), *Enquanto a gente acontece* (2021) e *Arquitetura da ausência* (2024). Minha intenção é apresentar esta última obra do autor pelo viés da concepção da poesia de formação, que ao longo do texto irei explicar.

Antes, porém, para que não ocorram confusões a respeito do que estou chamando de “poesia de formação”, gostaria de me deter um pouco na tentativa de explanar sobre a conceituação de tal expressão. *A priori* quero diferenciar, até mesmo distanciar, o conceito de poesia de formação do que costumamos chamar de temas formadores na/da poesia. Ao segundo caso associamos os conteúdos mais tratados na arte poética: como o amor, a glória, a nação, a morte, todos estes temas que o leitor pode encontrar, por exemplo, na *Odisseia*, em *Eneida*, em *Os lusíadas*, entre vários outros exemplos que ilustram bem a ideia da existência de temas recorrentes dentro da poesia que repetem muitos dos dramas vividos pelo homem ao mesmo tempo em que atualizam a palavra poética ao fazer remissão a tais temas, inserindo-os em novos contextos e experiências. Dito isso, poesia de formação não está ligada aos temas que formam a própria poesia.

Levantada esta diferenciação, preciso explicar que a poesia de formação está ligada intrinsecamente a um conceito já existente: o conceito de romance de formação. Romance de formação é uma categoria de romance onde acompanhamos a trajetória de um personagem desde sua infância até a fase adulta e morte. Geralmente o romance de formação representa a superação desses personagens com relação à vida.

Para Lukács (2000), o nascimento do romance de formação tem uma relação entre uma inadequação entre o personagem e a sociedade, quase como uma simbiose incômoda entre estas duas esferas. Symbiose porque não haveria personagem ou indivíduo sem a persistência de uma sociedade. E incômoda porque esta relação se dá na base do conflito e da negociação. Lukács ainda defende que o processo de superação pelo qual passam os protagonistas das histórias de romance de formação é uma jornada consciente:

Sua ação tem de ser um processo consciente, conduzido e direcionado por um determinado objetivo: o desenvolvimento de qualidades humanas que jamais floresceriam sem uma tal intervenção ativa de homens e felizes acasos; pois o que se alcança desse modo é

1. Mestre em Letras/Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe. Doutorando em Letras/Estudos Linguísticos pelo mesmo programa. E-mail: oziest7@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6077-991X>.

algo por si próprio edificante e encorajador aos demais, por si próprio um meio de educação. A ação definida por esse objetivo tem algo da tranqüilidade da segurança. Mas não se trata da tranqüilidade apriorística de um mundo rematado; é a vontade de formação (LUKÁCS, 2000, p. 141).

Para entender a poesia de Ronaldo sob o prisma da poesia de formação, estabeleço uma relação entre o romance de formação e a poesia de formação, a segunda sendo uma espécie de simulacro do primeiro. Para Gilles Deleuze, “por simulacro não devemos entender uma simples imitação, mas, sobretudo o ato pelo qual a própria ideia de um modelo ou de uma posição privilegiada é contestada, subvertida” (2006, p. 109). Dessa forma, entendemos simulacro como uma reprodução de modelo alterado, onde o conceito é resguardado em sua essência, mas também ele passa por um processo de alteridade.

Poesia de formação, segundo esta concepção, seria um modelo replicado do romance de formação, mantendo as características fundamentais do modelo “original”, mas acrescentando novas nuances segundo à própria natureza da poesia. O que é mantido do conceito original é a estrutura básica do romance de formação: o ciclo de um personagem em construção, atestando seu desenvolvimento e superação de obstáculos. Aquilo que é alterado pelo signo da poesia de formação é a própria forma, uma vez que sua constituição é o verso, e não a prosa.

O último de livro de Ronaldo Gomes, *Arquitetura da ausência* (2024), está dividido em três partes: a primeira é a introdução, com a poesia de abertura que dá título ao livro. Neste sentido, podemos dizer que esta poesia representa o nascimento da própria poesia de Ronaldo, o nascimento de uma vida poética, em relação a este livro específico.

A segunda parte do livro, que se chama “paredes e aberturas”, possui 12 poesias e representa a infância e adolescência da poesia. A última parte do livro, também composta de 12 poesias, tem o título de “definição dos espaços” e representa a vida adulta da poesia.

Se a primeira poesia introdutória nos remete ao nascimento da poesia na obra gomesiana, os poemas da primeira metade podem ser considerados como a infância da poesia. Vejamos um trecho da poesia “Som”:

tudo tem som.
a palavra tem som.
os pássaros quando abrem o bico.
a goiaba quando cai do pé.
as bocas quando ficam muito próximas.
(tudo tem som).
(pág. 11).

Nesta poesia o eu lírico comporta-se como uma criança em busca do sentido das coisas no mundo, o som representa o ímpeto da busca pelos significados. E ele conclui que “tudo tem som”, ou seja, em tudo há significado, há poesia. É a apresentação do mundo, o começo da relação entre sujeito e mundo, entre indivíduo e sociedade, uma vez que os sentidos das coisas sempre se dão na relação entre o eu e o outro, um sendo simulacro recíproco do outro.

Ainda tratando da infância e adolescência da poesia, em outro poema, a saber, “Escrevo poesias”, Ronaldo imprime a discussão do luto, da perda. Podemos interpretar como um processo de luto da ausência perene de um indivíduo, mas também podemos dar outro significado: a perda das coisas que não são mais (a inocência, a imaturidade infantil, ingenuidade). Assim como acontece com os personagens dos romances de formação, esta perda representa uma passagem:

escrevo poesias.
 escrevo poesias porque você está morta
 como ousa me deixar com tanto medo?
 (...)
 escrevo poesias.
 estou com tanto medo!
 (pág. 12-13).

Interessante perceber que a morte faz um duplo movimento: lança medo e insegurança, ao mesmo tempo em que gera vida, a vida da poesia. Escrever como um ato de criação, de feitura da vida. O eu lírico permite-se sentir medo, mas também permite-se criar, gerar um novo sentido para o luto, imprimindo vida na morte. Este poema representa uma passagem que mescla os extremos da existência: vida e morte.

Se fôssemos agora justapor os conceitos de romance de formação e poesia de formação, diríamos que os momentos descritos na poesia de Ronaldo nos dois poemas citados representariam a infância do protagonista, o limiar da vida, o processo iniciado da busca por sentidos. A poesia que vai se formando nestes poemas sugerem quase uma alma infantil, ainda tateando os signos da vida (e da morte).

Formada esta ideia de uma poesia em formação que remete ao desenvolvimento do próprio eu lírico, pensemos agora no que significa a adolescência. Uma fase de questionamentos, maturação pessoal e social. Aqui o próprio sentido da vida é posto em questão. Para onde ir? O que seguir? Em que acreditar? São perguntas frequentes nesta época. Na poesia de Ronaldo todos estes questionamentos são traduzidos na poesia “Observação atenta aos pássaros”:

vi um pássaro
 ele contou-me que morava na vida
 eu perguntei
 o que fica a vida?
 (pág. 19).

Faz-se necessário perceber o uso curioso do verbo “ficar” no último verso. Geralmente este verbo é classificado como verbo de ligação, ele transpõe o sentido principal de um enunciado para outro elemento dentro da sentença, ou seja, ele serve como uma passagem, uma ponte, seu sentido é provisório. Já na poesia de Ronaldo o uso do verbo “ficar” é quase uma tentativa de aprisionar a própria vida, um intento de situar o sentido num espaço fixo. “Onde fica a vida?”, dito de outro modo: Onde posso encontrá-la? Em que lugar procuro a vida? Onde ela mora?

Este questionamento sobre o que é vida e onde buscá-la representa um amadurecimento do eu lírico que simboliza a adolescência da poesia. Afinal, em que outra fase da vida os seres humanos mais se indagam a respeito de tudo que compõe a vida?

Ainda nesta fase podemos ver afunilando a relação entre indivíduo e sociedade. A figura do outro e a ideia do coletivo trazem a esta fase uma relação especular, em algum nível, entre o eu e o outro (representado pela sociedade) (FREUD, 2020). Vejamos como isso se revela no poema “Buraco na parede”:

há um buraco na parede
isto é um fato
há um buraco na parede
fundo
incomodativo
ausente de luz
há um buraco na parede
 ao redor
há uma parede, claro
isto é um fato
uma parede branca
 que ganhou um buraco
poderia dizer uma cicatriz
há uma cicatriz em formato de buraco na parede
isto é um fato
quando o crepúsculo dança no céu
o ângulo do buraco inclina-se
não o buraco em si
a sombra que o buraco faz na parede
estica-se
 formando um longo caminho em direção à porta
como se quisesse pertencer ao mundo
desabitar esta casa
 que quando anoitece
 não suporta sequer
 um pequeno ponto de ausência
não mais um.
(pág. 22-23).

A relação entre o buraco, a parede e a porta é quase uma metáfora entre o jogo indivíduo-sociedade, entre esfera pessoal e esfera coletiva, entre o eu e o outro, entre micro e macro. Representativa dos grandes romances de formação que fundamentam suas narrativas em algum dilema vivido por personagens que travam uma batalha entre si mesmo e a sociedade, a ideia desta estrutura está aqui registrada na poesia “Buraco na parede”.

O eu lírico descreve a trajetória da sombra do buraco. A sombra que funciona como um simulacro do próprio buraco, ao mesmo tempo em que é também não o é. Esta sombra que pretende sair dali, em direção à porta, ao mundo. Contudo, presa como uma cópia do seu modelo, ela só reflete, ela não é o buraco.

A complexidade desse jogo entre sujeito e sociedade é muito patente na adolescência, onde tudo é posto em xeque, inclusive nosso lugar na própria sociedade.

Assim, tendo descrito um pouco a infância e a adolescência da poesia na composição poética gomesiana, atentemos agora para os símbolos da vida adulta num dos poemas da segunda parte do livro, intitulado “Jogo do pertencimento”: “Sou-me obrigado/ a deixar um pedaço de mim abrigar o mistério” (p. 55).

Os versos desse poema ilustram bem a relação do sujeito com a memória. O pedaço do sujeito que quer pertencer ao mistério é o pedaço que existiu, que esteve no aqui-e-agora, e como recompensa de sua própria existência, ele que ser mistério, pois este ainda o alimentaria enquanto memória, enquanto vida. Assim o mistério está para a memória como forma de resistência da própria existência humana.

É na fase adulta da vida humana que estas questões assumem um lugar de importância. Que legado deixaremos? Na poesia de Ronaldo, a própria palavra é a resposta a esta pergunta. Sua poesia é uma forma de resistir ao tempo, seu mistério ecoará na memória das palavras, na memória de sua poesia de formação.

Percebemos que a estrutura base do romance de formação, conceito-modelo em que a poesia de formação é o simulacro possível, reflete-se na estrutura poética do autor mencionado. O legado da poesia de Ronaldo Gomes, quem sabe, se reflita em outros fazeres poéticos de outros poetas que queiram se aventurar numa poesia que colhe para si um modelo literário pré-existente, mas que ao mesmo tempo subverta-o, faça-o funcionar em novas regras.

Referências

AUSTEN, Jane. *Emma*. São Paulo: Antofágica, 2023.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas Volume 14: história de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOMES, Ronaldo. *Arquitetura da ausência*. Aracaju: J. Andrade, 2024.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).